

SOLUÇÃO PARA O BRASIL: ACABAR COM JORNAL DA TARDE O PADRÃO QMS.

1- OUT 1987

**Qualquer M... Serve é como o professor Jorge Hori
descreve a qualidade dos manufaturados brasileiros.**

Coube à Justiça Trabalhista de São Paulo a confecção do ingrediente que poderá implodir a política econômica do ministro Bresser Pereira. Ao conceder um reajuste salarial de 56,6% para os bancários, na última segunda-feira, ela poderá torpedear o principal objetivo do governo, que é alcançar a estabilidade inflacionária. "Já podemos antever a disparada da corrida entre preços e salários", afirma o consultor de empresas Jorge Hori, apontando para dois problemas: o reajuste pressiona custos e, por consequência, os preços. Além disso, ele poderá ser repetido para as categorias cujos dissídios coletivos se concentram neste final do ano.

Paradoxalmente, feitas as contas na ponta do lápis, os bancários estão perdendo mesmo com essa decisão da Justiça. Para que seus salários recuperassem o poder real de compra de setembro do ano passado, eles deveriam sofrer um reajuste de 69,5% — 44,7% por conta da recuperação do nível médio real e 24,8% a título de indenização em virtude das perdas impostas pela defasagem entre a política salarial e o crescimento da inflação ao longo do ano. Ou seja, arremata Hori, ao mesmo tempo em que os bancários deixam essa diferença de 13% para os banqueiros, o reajuste, mesmo menor, é explosivo economicamente.

Explosivo por quê? Porque a partir dele e da sua influência sobre as demais categorias já podemos imaginar um índice inflacionário no patamar mínimo de 5% só em função da inflação inercial, responde Hori. Em outras palavras, só por conta da expectativa inflacionária. O que leva Hori a identificar um outro problema. A insistência no controle macroeconômico é infrutífero, simplesmente porque as dificuldades brasileiras não são mais de macroeconomia estrita.

Projeto

"O País está sem rumo, seus problemas são estruturais. Ou redirecionamos o desenvolvimento econômico ou entramos na faixa de risco de sucateamento da indústria", afirma o técnico. Essa definição de rumos implica a elaboração de um **Projeto Nacional** que envolva o conjunto da sociedade, impedindo uma situação de total dispersão, onde prevalece o cada um para si e a inflação para todos. Até há poucos anos a sociedade conviveu com o projeto da substituição de importações, hoje praticamente exaurido. O



Hori: é o salve-se quem puder.

que resta fazer, segundo Hori, não tem vitalidade suficiente para sustentar o crescimento da economia como um todo.

Esse processo de substituição de importações se esgotou sem ter incorporado parcela significativa da população economicamente ativa e depois de promover uma elevada concentração de pobreza nos centros metropolitanos. No início dos anos 80, em função da crise da dívida externa, ele desviou suas baterias do mercado interno para o mundial a fim de produzir divisas e honrar compromissos assumidos junto aos credores. Mas, com um problema, lembra Hori. Os manufaturados brasileiros não são adequados para atender o mercado internacional, alcançam, em geral, mercados secundários quando não os spots ou livres. Isto porque, segundo Hori, esses manufaturados estão voltados para o mercado interno, tendo mantido sempre o padrão QMS — Qualquer M... Serve.

"Esse processo de substituição de importações não morreu, mas sua força é cada vez menor", afirma o especialista, para quem o impasse é político. Os detentores da poupança interna não se dispõem a investir em atividades produtivas, muitos por insegurança, alguns por resistência. E essa ausência de investimentos limita o mercado interno. Assim, quando há aumentos da massa salarial, explode a demanda, que gera uma pressão inflacionária e uma desorganização momentânea na economia, como ocorreu no Cruzado do ano passado.

Alternativas

Diante desse quadro de **salve-se quem puder**, não há como vencer a inflação, seja por instrumentos ortodoxos ou heterodoxos. "Os impasses", continua Hori, "são insolúveis na falta de um projeto mais amplo que contenha idéias-força capazes de unir a sociedade em torno do seu destino como Nação". Assim, cabe às elites a elaboração de um projeto que seja assumido pelo conjunto da sociedade. Hori sabe que a sociedade não é homogênea e, por consequência, o projeto não servirá igualmente a todos os segmentos. "Mas, diante do impasse, ele acaba sendo acatado pelos demais em virtude da proposição de objetivos e interesses nacionais."

No entender de Hori, esse projeto deveria passar pela privatização das empresas estatais, pela redução do papel do Estado na economia e pela redistribuição de renda. Neste último ponto, o especialista aponta a expansão gradual e permanente do segmento de maior renda com a incorporação de novos contingentes no mercado de consumo e o crescimento mais acentuado dos segmentos de menor renda através do desenvolvimento da economia informal. Ou seja, entende Hori, a economia subterrânea só crescerá à medida que for reduzido o papel do Estado na regulamentação da economia em geral.

Como pano de fundo desse projeto, Hori aponta dois modelos. O **modelo de fechamento**, resultante da conjugação da diminuição de importações, exportação apenas de excedentes eventuais, moratória da dívida externa e manutenção da reserva de mercado da informática, estendendo-a para as demais áreas de alta tecnologia. O **modelo alternativo**, com o qual Hori mais simpatiza, é o da ampliação da presença do Brasil na economia mundial. Ou seja, o País volte-se para fora, buscando produzir tecnologia e manufaturados de alto padrão, puxando para esse novo patamar o mercado interno. Trata-se também de aumentar a escala de produção. Nesse modelo, diz Hori, abre-se os portos para importações, facilita-se o fluxo de capitais estrangeiros e se reduz ou elimina as reservas de mercado. As alternativas são essas. Basta apenas, no entender do especialista, que as elites deixem de se perder no urgente sem conseguir vislumbrar o importante.

Vicente Dianez Filho

Barelli: o maior arrocho salarial da história.

A atual política salarial é a mais arrochante de toda a história do País e, ainda por cima, inútil, porque não acabou com a inflação nem conseguirá evitar que esta retome sua escalada ascendente. Foi o que disse ontem o diretor do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), Walter Barelli, em palestra a alunos e professores do Instituto

Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Barelli afirmou que o arrocho salarial de agora é pior que o da época do ex-ministro Delfim Neto: em oito anos (de 1965 a 1973), os salários tiveram queda, em termos globais, de 28% mas no período recente de 18 meses (de 1º de março de 1986 a 1º de setembro de 1987), a redução no poder de compra dos trabalhadores foi de 50%. O diretor

do Dieese disse ainda que é sintoma desse arrocho o fato de até os empresários estarem reclamando do baixo poder aquisitivo da população. Ele também criticou o governo por autorizar aumentos de 10% nos preços dos produtos enquanto os salários só podem ser reajustados 4,69%. Barelli disse ainda que "as condições do povo são as piores possíveis".